

Manuel Ramos está no Sameiro há 19 anos

Digital tem prejudicado negócio das fotos "à la minute"

Sempre que o tempo o permite, Manuel Ramos está no Sameiro, com as suas três máquinas fotográficas prontas, para que os turistas possam levar consigo para casa uma recordação. Há 19 anos que é assim.

Em tempos, que não vão assim tão longe, recorda, o negócio da chamada fotografia "à la minute", até corria bem. Hoje, com a democratização e digitalização da fotografia, em que até os telemóveis tiram fotografias, o negócio já não tem o fulgor de antigamente.

Aliás, Manuel Ramos confessa que já se rendeu ao digital, salientando, no entanto, que, sempre que alguém o exige, continua a usar as técnicas tradicionais da revelação em papel na hora. «Nós trabalhamos sempre à moda antiga, a preto e branco, sempre que o cliente nos pede», garante.

Segundo explica, a técnica não é nada simples e requer de quem está a ser fotografado uma grande concentração para não se mexer, sob pena do resultado final sair tremido. «Se as pessoas que estão à nossa frente se mexerem, estraga», afirma.

Por isso, com uma boa parte das pessoas, que quer apenas uma lembrança para mais tarde recordar, agora o fotógrafo



Manuel Ramos já aderiu à fotografia digital, mas garante que utiliza as máquinas antigas sempre que o cliente lhe pede

já utiliza uma máquina digital, imprimindo depois, a cores, a fotografia que, em termos de tempo, continua a demorar praticamente o mesmo.

Contudo, salienta, há ainda quem, neste negócio, peça a fotografia à moda antiga. Demora um pouco mais e tem um grau de dificuldade muito maior, uma vez que é necessário preparar a máquina, calcular a luminosidade, focar como deve ser, disparar manualmente, ou recorrendo ao pequeno relógio e, finalmente, passar o papel pelos compartimentos com os líquidos

revelador e fixador.

Tudo isto requer muita experiência e um extremo cuidado com as máquinas de fotografar que, salienta Manuel Ramos, «são antiquíssimas». Numa delas está inscrita a data de 1908.

Apesar da idade, a verdade é que elas continuam a fotografar, e há quem queira fotografias feitas por elas. «Há muitas pessoas que vêm aqui ao Sameiro com boas máquinas e que querem uma fotografia a preto e branco à moda antiga. E nós fazemos. Mas, também há pessoas que não dão

muito valor a esta profissão, que é uma arte em extinção, e que querem apenas uma fotografia que faço com a máquina digital», afirma.

Questionado sobre se tem seguidores, que queiram um dia prosseguir com este negócio, Manuel Ramos, pesaroso, diz que não.

Negócio de família

Isto de estar no Sameiro, com um cavalo em madeira e máquinas fotográficas, para que os turistas possam levar consigo uma fotografia do lo-

cal é algo que está na família há muitos anos.

Segundo explica, tem dois irmãos a trabalhar no mesmo ramo no Santuário do Bom Jesus há mais de 20 anos. Tem ainda um irmão na Penha, em Guimarães, e um outro irmão e dois primos no Santuário de Santa Luzia, em Viana do Castelo. «Nós somos uma família de fotógrafos há muitos anos», diz.

Questionado sobre se hoje ainda vale a pena ir cedo e passar um dia inteiro no Sameiro à espera que os turistas queiram tirar uma fotogra-

fia, Manuel Ramos afirma que não. «Em primeiro lugar, porque hoje toda a gente tem máquinas digitais e tem telemóveis. Isto perdeu muito por causa disso. Mas, felizmente, ainda há gente que gosta disto a preto e branco, à moda antiga, afirmando que este é que é o verdadeiro retrato à moda antiga. No entanto, esses são poucos. Hoje há máquinas digitais que deram cabo da nossa vida. Enquanto que, no passado, nós chegávamos aqui e fazíamos dez ou 12 contos [entre 50 e 60 euros] num dia, agora fazemos quatro, cinco ou seis euros. Às vezes até nem fazemos nada. Há dias em que vamos embora sem tirar uma fotografia», conta.

Manuel Ramos garante que há pessoas que temem pelo futuro desta arte. Segundo refere, há bracarenses que temem que as famosas fotografias no cavaleiro, tendo o Bom Jesus ou Sameiro como cenário, possam ter os dias contados, sustentando que não deverá haver casas em Braga que não tenham uma foto destas. Por isso, acrescenta, essas mesmas pessoas defendem que deveriam ser tomadas medidas para que a arte continue. Desta forma, realça, a fotografia "à la minute" não ficaria ameaçada de desaparecer.



O passarinho não podia deixar de estar presente na máquina



Os turistas continuam a ficar satisfeitos com as fotos



Manuel Ramos afirma que hoje o negócio não corre tão bem